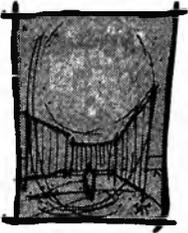


# PAISAGEM E PERCEPÇÃO DA PAISAGEM: ESTUDOS DE CASO NA ÁUSTRIA E NO BRASIL

ANGELO SERPA



## RESUMO

No presente artigo são apresentadas diversas formas de abordagem do tema “percepção”, resultado das pesquisas desenvolvidas no Instituto de Planejamento Paisagístico da Universidade de Agronomia de Viena e que resultaram na tese de doutorado *O conceito de parque e a percepção humana do ambiente urbano*. O ponto principal desta discussão é como o planejador paisagístico - com os meios de que dispõe - pode superar a falta de comunicação existente entre planejadores e cidadãos comuns. Foram desenvolvidos modelos de simulação ambiental que podem ajudar o planejador paisagístico na busca de uma nova “linguagem estética”. Tais modelos são um meio para um melhor entendimento dos valores e atitudes dos usuários de áreas verdes no contexto urbano e podem gerar uma linguagem comum, de conciliação de interesses. Assim, diferenças e preconceitos poderiam ser superados num amplo processo de troca de informação e discussão, base para um planejamento mais humano e voltado para os interesses da população.

## ABSTRACT

The most important point of this discussion is the question, how the increasing gap between aesthetic production and aesthetic perception in landscape architecture could be bridged and how landscape architects could contribute to overcome this gap with their professional means. From this point of view, various methods for the improvement of the quality of communication between experts and other participants of a planning process are discussed. In the first part simulation models are presented, which have been developed for the determination of optical and aesthetical effects of plants structures. The main topic of the second part are the “inner landscapes” of planners and their clients. The question is, how individual experiences of experts and clients influence the perception of their environment and how these experiences could be described. According to the ideas of C. G. Jung the meaning of both archetypic images and individual experiences during the adoption of a landscape are investigated with the help of a sample of 40 interviews. In the third part the steps from individual to collective experiences are demonstrated using one example of social movement in Brazil: The approach of members of the Candomblé religion to “their” park in Salvador da Bahia.

Estudos de percepção ambiental são de fundamental importância para o planejamento urbano e paisagístico em grandes cidades. O que fazemos com a paisagem está estritamente relacionado com a forma como a percebemos. Problemas ambientais são problemas de percepção ambiental. (Kern, 1991; Meyer-Abich, 1974.)

Estes estudos podem ser a chave para um planejamento mais próximo dos interesses de uma população normalmente excluída do processo decisório, ditado por interesses políticos e a cargo dos *experts* planejadores.

Excluir a população do processo decisório implica usurpá-la de um direito fundamental: o de interferir no espaço onde mora e trabalha. (Nohl, 1990.)

A percepção humana do ambiente vem sendo pesquisada há mais de duas décadas nos Estados Unidos e na Europa. Tais estudos fornecem um escopo metodológico para a pesquisa na área e colocam o pesquisador diante de uma questão essencial. Até que ponto é possível a aplicação do conceito científico de “objetividade” na análise dos dados obtidos?

A dimensão cultural e mesmo psicológica da percepção humana mostra a necessidade de adoção de uma nova ciência, mais “subjetiva” e voltada para a solução de problemas concretos. Esta ciência não exclui as opiniões pessoais do pesquisador com uma falsa noção de objetividade e procura incorporar sua análise pessoal na busca de soluções para as questões por ele levantadas no exercício do seu trabalho. (Feyerabend, 1986.)

Mitos, fábulas ou religiões, tradições excluídas dos centros de reprodução do conhecimento científico, devem funcionar aqui como referenciais alternativos para a produção de uma ciência nova.

O exercício desta nova ciência deveria aqui chamar-se: Experienciando ciência do cotidiano.

No presente artigo são apresentadas diversas formas de abordagem do tema “percepção”, resultado de três anos e meio de pesquisa no Instituto de Planejamento Paisagístico da Universidade de Agronomia de Viena (Áustria) e tema da tese de doutorado *O conceito de parque e a percepção humana do ambiente urbano*.<sup>1</sup> (Serpa, 1994.)

### **Influência da vegetação na percepção do espaço urbano: Modelos de simulação ambiental**

A idéia de que o uso de vegetação pode influenciar a percepção do espaço não é nova. Especialmente o uso da cor como elemento gerador de efeitos espaciais é frequentemente citado na literatura clássica. Autores como Shenstone 1764, Chambers 1772, Hirshfeld

1779 e Pückler-Muskau 1835, afirmam por exemplo que o uso de vegetação pode gerar ilusões espaciais, ampliando ou estreitando espaços.

Para investigação deste efeito de ampliação/estreitamento do espaço urbano através do uso de vegetação foram realizados testes de percepção ambiental na Áustria e no Brasil. Estudantes do primeiro ano foram testados na Universidade de Agronomia de Viena (planejamento paisagístico), na Universidade Federal da Bahia (matemática, física e biologia) e na Universidade de São Paulo (arquitetura).

Foram aplicados três testes com o uso de questionários e projeção de *slides*:

Primeiro teste: 50 *slides* de árvores isoladas foram apresentados; os estudantes foram instruídos a estimar a altura das árvores e a distância entre observador e objeto fotografado.

Segundo teste: Foram projetados 52 *slides* com barreiras visuais resultantes do uso de vegetação como cercas-vivas, grupos de árvores ou arbustos; as pessoas testadas estimaram a distância entre objeto fotografado e observador.

Terceiro teste: Foram apresentados 42 *slides* com diferentes situações espaciais; limites, barreiras visuais, cor, textura e contraste da vegetação foram considerados na análise dos dados obtidos. Os estudantes “julgaram” a qualidade dos espaços respondendo à pergunta se sentariam no banco apresentado na imagem projetada (todos os *slides* apresentaram bancos em diferentes parques e áreas verdes de Viena). Uma semana mais tarde foram projetados os mesmos *slides* ao mesmo grupo de estudantes que deveriam então julgar o quão abertos/fechados eram os espaços apresentados.

Os resultados obtidos mostram que para quase todas as imagens apresentadas (testes um e dois) as distâncias estimadas foram muito menores do que a distância real. Por outro lado, no primeiro teste as alturas estimadas se aproximaram bastante da altura efetiva da árvore.

Tanto a altura real da árvore como a distância entre observador e objeto fotografado influenciaram a estimativa destes dois valores. Árvores menores tiveram alturas superestimadas, enquanto árvores maiores foram percebidas como menores do que são de fato. Árvores mais distantes foram avaliadas mais perto (distâncias subestimadas), árvores menos distantes tiveram distâncias superestimadas. As pesquisas de percepção oferecem duas explicações para este efeito:

*Relação invariável entre tamanho e distância:* Parte do pressuposto de que o ângulo visual permanece constante na avaliação de alturas e distâncias. Assim, um ângulo visual pequeno é determinado simultaneamente por um objeto pequeno e distante do observador (Epstein, 1977; Hershenson, 1992). Esta relação mostra a

interdependência entre altura e distância (os dois valores são estimados simultaneamente), mas é válida somente no caso de objetos estáticos.

*Familiaridade:* A familiaridade das pessoas testadas com os objetos apresentados determina uma avaliação constante da altura (Predebon, 1992); assim, parece existir um “tamanho cognitivo normal” para uma árvore e que funciona como uma referência na avaliação de sua altura. Uma árvore que não se enquadre neste referencial (no caso de árvores muito grandes ou muito pequenas) é “ajustada” automaticamente para o seu “tamanho cognitivo normal”

Não existe uma classificação exata para texturas de vegetação. Nas imagens apresentadas a textura de uma árvore foi bastante influenciada pelo tamanho das folhas, galhos, flores e frutos. Árvores com folhas grandes foram classificadas como de textura pesada, enquanto árvores com folhas pequenas e entrecortadas como de textura leve (Fotos 1 e 2). Os resultados obtidos mostram que árvores de textura leve são percebidas maiores e mais distantes do que aquelas de textura pesada. Mais uma vez o efeito da familiaridade pode ser usado para explicar este fato: folhas, flores, frutos e galhos parecem possuir um “tamanho cognitivo padrão” que funciona como referencial na estimativa de tamanho e distância. De acordo com Booth (1983) árvores com textura pesada possuem maior definição visual e por isso “avançam” em direção ao observador.



Foto do autor

Foto 1- Árvore com textura pesada: *A esculus X carnea*

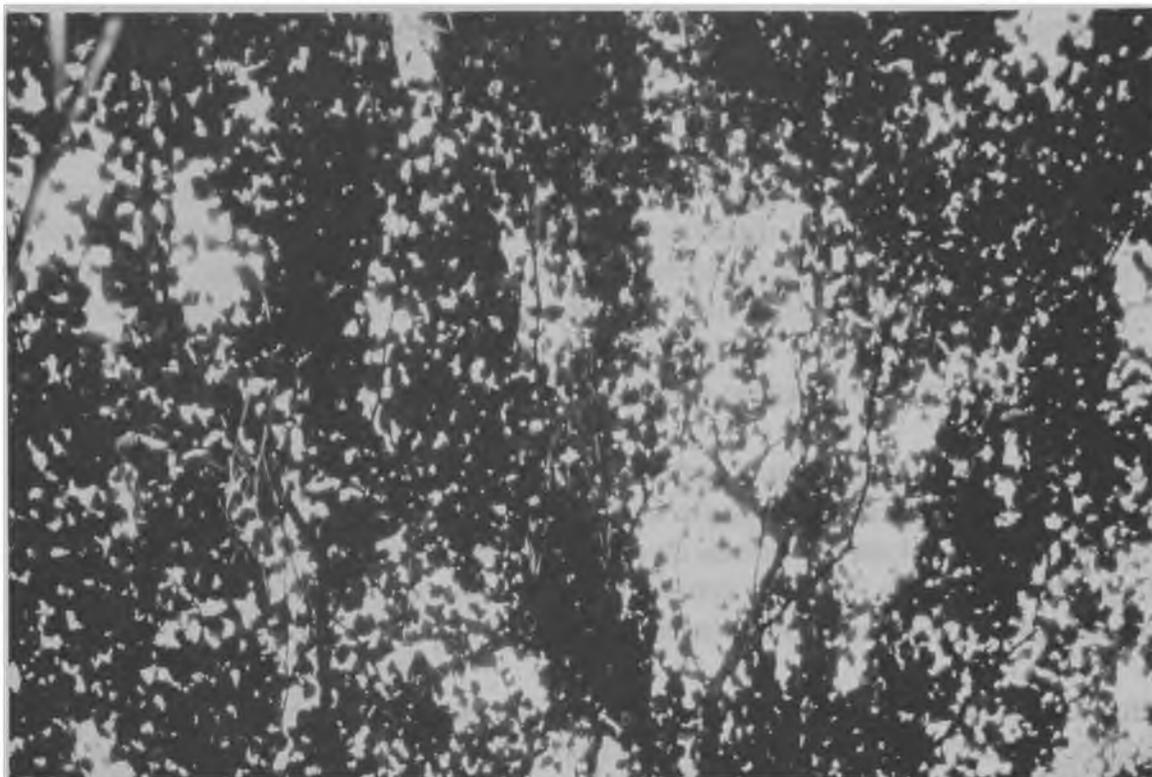


Foto 2- Árvore com textura leve: *Betula pendula tristis*

A cor das folhas parece desempenhar um papel importante na percepção de distâncias e alturas; em algumas das imagens apresentadas as cores das flores influenciaram também a percepção espacial. As árvores foram divididas em oito classes de acordo com a cor das folhas e flores: verde-azulado, verde-escuro, verde-claro, verde-amarelado, marrom, rosa, púrpura e branco.

Desde a publicação da teoria das cores de Goethe (1810) e sua famosa disputa com Newton com relação à natureza da luz e à origem das cores, foram realizados muitos estudos que tentam relacionar cor e percepção espacial. A teoria das cores de Goethe, embora incorreta em termos físicos, valorizou uma visão holística do fenômeno cor e do seu caráter fisiológico e subjetivo. De acordo com Goethe, amarelo e azul “funcionam” de forma oposta, sendo o amarelo uma cor ativa que “se move” em direção ao observador, e o azul uma cor passiva que aumenta distâncias e alturas. O verde é uma cor neutra que, no entanto, pode agir de forma ativa ou passiva, dependendo da quantidade de azul ou amarelo nela contida.

Os resultados obtidos mostraram diferenças significativas na percepção do espaço influenciada pela cor, determinadas por diferenças geográficas e culturais. Como todas as imagens mostradas foram feitas na Áustria, as pessoas testadas no Brasil não possuíam nenhuma familiaridade com os objetos apresentados para avaliação. As estimativas de altura e distância foram mais espontâneas no Brasil do que na Áustria e por isso aproximam-se mais da teoria das cores de Goethe, onde as cores podem ser

divididas em ativas (verde-amarelado, rosa, verde-escuro) e passivas (púrpura, verde-azulado, marrom, verde-claro); na Áustria este efeito foi mascarado pela familiaridade das pessoas testadas com as imagens projetadas.

O contraste de cor e textura entre os elementos de vegetação desempenhou um papel importante na avaliação de distâncias (segundo teste). Graças ao contraste de cor e textura, barreiras visuais foram percebidas mais próximas; por outro lado, a ausência de contraste afasta as barreiras visuais do observador. O efeito de contraste - principalmente contraste de textura - dá maior definição visual e clareza na leitura de linhas, determinando uma aproximação entre objeto observado e observador.

Os elementos de paisagem que aparecem em segundo plano também influenciaram a avaliação de distâncias no segundo teste. Elementos como montanhas e campos de cultivo afastam as barreiras visuais do observador, enquanto postes de luz e construções diminuem distâncias. Contraste entre os elementos do segundo plano e barreiras visuais aproximam as últimas do observador. (Nohl, 1982.)

Houveram diferenças significativas na avaliação de distâncias e alturas (primeiro e segundo testes) entre os homens e mulheres testados. Os valores estimados pelas mulheres foram menores do que aqueles estimados pelos homens, tanto nas avaliações de distância como de altura. Não é fácil encontrar uma explicação única para este fato. Pesquisas sobre diferenças no sistema perceptivo e cognitivo entre os dois sexos afirmam frequentemente que homens e mulheres são educados de forma diferente; de acordo com isso, os homens seriam p. ex. mais “treinados” do que as mulheres em cálculos geométricos e no uso do lado esquerdo do cérebro, que controla funções como leitura e cálculo matemático. Os resultados do primeiro e segundo testes não mostraram, no entanto, que os homens são melhores do que as mulheres na avaliação de alturas e distâncias. Pelo contrário, os representantes do sexo masculino se revelaram piores na avaliação de distâncias do que as mulheres.

Na Áustria, as pessoas testadas de origem rural perceberam os objetos mostrados nas imagens (árvores, barreiras visuais) maiores e mais distantes do que as pessoas de origem urbana. Mais uma vez o fenômeno da familiaridade pode ser usado para explicar esta diferença. Na Áustria (um país com aproximadamente 45% de seu território coberto por florestas) as árvores encontradas em zonas rurais são normalmente maiores do que aquelas encontradas em parques e áreas de lazer; assim, as pessoas de origem rural estimaram distâncias e alturas de acordo com esse referencial. O oposto se deu no Brasil, as pessoas testadas de origem rural perceberam os objetos menores e mais próximos do que aquelas de origem urbana. Ao contrário da Áustria, o meio ambiente árido da região Nordeste, com suas pequenas árvores e cactáceas - região de proveniência da maioria das pessoas que migraram para as grandes cidades - determinou uma “calibração” diferente na avaliação de distâncias e alturas, já que as árvores mostradas nas imagens são significativamente maiores do que aquelas encontradas na zona rural nordestina.

Bancos em lugares abertos e com pouca sombra foram preferidos pelos austríacos (terceiro teste; Foto 3). Lugares planejados com canteiros de flores e caminhos asfaltados ou acimentados foram preteridos na Áustria em favor de lugares mais naturais e selvagens (Fotos 4 e 5).

Foto do autor



*Foto 3- Lugares abertos e com muito sol determinaram a preferência dos austríacos*

Foto do autor



*Foto 4- Natureza na cidade?*



Foto do autor

*Foto 5- Lugares naturais (“selvagens”) foram os preferidos dos austríacos*

No Brasil não pareceu haver uma diferenciação clara no tocante às dimensões dos espaços apresentados. Na lista dos 10 bancos preferidos aparecem espaços avaliados como abertos e fechados. Muita sombra e muitos canteiros de flores parecem determinar as preferências dos brasileiros (Fotos 6 e 7). O contraste de cor e textura dos elementos de vegetação (Foto 8) influenciou positivamente a escolha de brasileiros e austríacos, enquanto, a presença de um caminho convidando à caminhada parece constituir nos dois países um obstáculo para uma pausa no banco projetado (Foto 9).



Foto do autor

*Foto 6- Brasileiros deram preferência a bancos próximos de canteiros de flores*

Foto do autor



*Foto 7- Brasileiros preferem lugares sombreados*

Foto do autor



*Foto 8- Contraste de cor e textura dos elementos de vegetação*



Foto 9- Sentar ou caminhar?

## **Experiências subjetivas de paisagem e arquétipos jungianos em busca de uma noção holística do espaço-tempo no planejamento de grandes cidades**

*“Eu estou convencido que a ausência de símbolos dos nossos tempos tem um profundo significado”*

*C.G. Jung*

O processo simbólico é um *vivenciar da imagem na imagem*. Este processo é deflagrado pelo experienciar constante de alegorias (arquétipos) espaciais como caminhos, montanhas, florestas, etc. denominados por Jung (1935) como “símbolos da transformação”

De acordo com os princípios jungianos de análise dos sonhos e fantasias existem funções psicológicas “pré-formadas” arquétipos do inconsciente coletivo, que são transmitidos através da história da humanidade em forma de mitos, lendas e tradições. Arquétipos possuem um caráter atemporal, determinam o processo criativo e artístico e são expressos no cotidiano e na fantasia de cada um de nós.

O lembrar-se é atemporal e determinado por três leis básicas: A lei da semelhança, a lei dos contrastes e a lei da continuidade no espaço-tempo. Essas leis desempenham por seu

lado um papel fundamental nos mecanismos associativos determinantes do nosso cotidiano de lazer e fazer. Todo ser humano é capaz - ainda que inconscientemente - de perceber de forma simultânea os mais diversos sons, aromas e imagens. (Hiss, 1992.)

A idéia de que espaços “livres” urbanos podem gerar associações inconscientes (que por sua vez influenciam a relação homem-espaço) foi o ponto de partida para o desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa que valorizasse o caráter subjetivo das questões “perceptivas”

### **Questões “perceptivas”**

Como captar experiências subjetivas de paisagem no decorrer de uma entrevista?

Seria o espaço urbano um catalizador de experiências arquetípicas de paisagem?

Como diferenciar o pessoal do coletivo?

Essas questões nortearam a análise de 40 entrevistas realizadas no verão de 1992, em diversos parques, praças, cafés e ruas de Viena, Áustria. Doze planejadores paisagísticos e um espectro de usuários das áreas verdes e de lazer da cidade (donas-de-casa, estudantes, aposentados, profissionais liberais, etc.) responderam perguntas sobre experiências pessoais marcantes, relacionadas com arquétipos de paisagem e símbolos jungianos de transformação. Árvore, pedra, fogo, terra, água, ar? Montanha, lago, deserto, prado, mar, floresta? Uma história marcante, uma experiência marcante de paisagem? E o papel da cor? E o parque ideal como você o faria? O que significa “natureza”?

### **O que é natureza?**

Planejadores paisagísticos são freqüentemente confrontados com a necessidade de áreas verdes naturais em grandes cidades, onde “natureza” parece tornar-se uma raridade bastante cobiçada. Na Europa, o modismo do “natural” a qualquer preço coloca o planejador paisagístico diante da questão ética de planejar a “natureza”, moldá-la de forma “selvagem” e “ecológica”, imitando-a e tomando-a como base para a reprodução dela mesma. A reprodução de ecossistemas naturais no contexto urbano não responde porém à questão essencial, se o atual modelo de civilização é compatível com a idéia de uma natureza “intocada” pelo homem.

Sempre que falamos de “natureza” falamos na verdade de imagens que praticamente não existem mais. Regiões que não se enquadram no sistema de produção vigente são entendidas como “naturais” e representam para muitos um conjunto de referenciais

históricos e culturais que resistiram a uma falsa idéia de progresso e a um modelo de civilização vazio. (Wormbs, 1977; Hard, 1991, 1992.)

O que significa “natureza” para cada um de nós? Não soa maniqueísta a idéia de que “natureza” e “cultura” representam pólos opostos (incompatíveis)?

“Natureza” é entendida por muitos como “natureza bruta” ou “museu natural” Essa idéia, bastante difundida na Europa, é encarada também por aqueles que a defendem como utópica; mas parece inimaginável renunciar a esta utopia: *“Para mim seria essencial que o homem não explorasse todas as regiões do planeta com o seu modelo civilizatório. Embora isso pareça utópico, acho que poderíamos tentar a criação de reservas naturais onde a natureza pudesse desenvolver-se ao seu gosto e no seu próprio ritmo”* (Sr. G., engenheiro e psicólogo.)

A pergunta que aqui se coloca é se assim não estaríamos contribuindo ainda mais para o afastamento do homem dos seus referenciais naturais. Criar reservas naturais que sirvam ao homem moderno como áreas de lazer e pontos de fuga do seu cotidiano de cimento e asfalto significa, na verdade, criar mundos folclóricos naturais e afastar o homem ainda mais da “natureza” (Wenzel, 1991.)

*“Eu não considero um jardim ou um canteiro de rosas como natureza. Ambos representam princípios estéticos, não naturais. Para mim natureza é a floresta amazônica ou as grutas dolomíticas... Tais paisagens são simplesmente belas e por isso devemos preservá-las no seu estado natural.”* (Sra. T., assistente social.)

Não existem porém princípios estéticos objetivos. Todo julgamento estético é individual e determinado por sentimentos, por princípios emocionais e subjetivos. (Kant, 1790.) A beleza de uma “natureza bruta” não é determinada apenas por princípios estéticos, mas, também por princípios éticos. Seria, de acordo com Kant, uma beleza prisioneira do “bom” e do “certo”: *“As leis éticas do bom e do certo não são estéticas e subjetivas mas sim ditadas pela razão.”*

*“As cidades são um fenômeno natural, mas elas não são para mim natureza.”* (Sra. S., estudante universitária.) Sra. W., artista plástica, acha que ainda é possível identificar “natureza” no contexto urbano, mas essa natureza ela vê como uma “natureza transformada pelo homem”: *“Os homens precisavam viver juntos e as cidades nada mais são do que a expressão disso”*

Existem pessoas que não conseguem imaginar uma vida longe da cidade grande: *“Eu tenho a impressão que só posso trabalhar em uma cidade grande. (...) Viena não é exatamente o que entendo por natureza, eu ainda não descobri como conciliar trabalho e natureza”* (Sra. K., professora primária.) Assim, a cidade grande é vista como um “mal necessário” e o idílio do campo como ideal estético (e ético!) para o fim de semana de engarrafamentos e esperas.

Opiniões dos paisagistas entrevistados. *"Natureza é clichê, é contraste do homem, é o lugar onde ventos frescos (e principalmente livres de fumaça) circulam livremente, é tudo, em todo lugar, imortal porque é também revolucionária e possui princípios próprios, é a cidade-natureza, a casa-natureza, é o depósito-natureza, o asfalto-natureza, a procura do cafona e banalidades que redundam no supérfluo, é engano, é encenada, marcadamente contradição."* <sup>a</sup>

É decepção do homem com o homem. *"Eu me vejo na posição de defender os interesses dos seres-vivos que não possuem porta-voz, como árvores, rios, animais e pássaros. Temos que defender isso da cobiça do homem moderno."* (Sr. Q., planejador paisagístico.)

Opinião do entrevistador. *Utopias conduzem a utopias... Utopias não realizadas (-záveis) conduzem irremediavelmente à frustração. A natureza precisa incluir o homem e este precisa sentir-se envolvido por ela. Querer defender (proteger!) a natureza do homem significa querer proteger o homem dele mesmo."* (Serpa, 1994<sup>b</sup>.)

## **Duas mulheres, um lugar**

O motivo do encontro foi uma entrevista marcada por telefone. O lugar do encontro foi a primeira pergunta colocada à duas mulheres. Havia muitas possibilidades. Todos os espaços "livres" em Viena, não importando se públicos ou privados, se parques ou jardins, ou ruas, ou praças, ou florestas, ou lagos, ou cafés... Cada uma das mulheres foi entrevistada em um dia diferente, mas a escolha das duas foi a mesma: o parque Pötzleindorfer, na periferia da cidade.

Encontrei a sra. H. na entrada principal e passeamos juntos um bom tempo, enquanto ela me contava sua relação de anos com o parque: *"Eu vinha aqui nesta fonte com minhas crianças pequenas todo verão. Aqui elas podiam brincar com a água, sentir a água brincando"* A sra. H. tem 53 anos, é dona-de-casa (não frustrada, segundo ela mesma) e mora bem perto do parque, *"numa pequena rua bem próxima da floresta"*.

Nós andamos até o pé de uma colina e depois através de um caminho íngreme que levava à floresta. Aqui era o lugar preferido da sra. H., onde ela vinha sempre desfrutar da vista e da paisagem. Sentamos numa fileira recuada de bancos (com mesa), num lugar protegido, emoldurado pela floresta densa, e ao mesmo tempo aberto, uma paisagem de morros, prados e florestas abrindo-se aos olhos do observador (Foto 10).

A sra. H. conta uma experiência marcante: *"Uma experiência negativa me ocorre agora, uma experiência de infância. Eu e minha mãe fugíamos a pé da Eslováquia em direção a Viena, durante a Segunda Guerra Mundial. De repente, aviões apareceram e começaram a atirar em nossa direção. Minha mãe me colocou dentro de uma manilha e eu fiquei lá dentro até o tiroteio passar. De lá de dentro podia ver a paisagem,*

*pequenos morros, florestas, campos de cereais e pomares. Passado o tiroteio, saí mais leve de dentro da manilha e logo esqueci o acontecido”.*



Foto do autor

Foto 10- Parque Pötzeleindorfer (Sra. H.)

O *esquecer* da sra. H. dever ser entendido aqui como “*inconscientização de conteúdos experienciados*” (Serpa, 1994<sup>c</sup>.) Se olharmos com atenção o lugar preferido por ela no parque é notável a semelhança da situação espacial descrita pela sra. H. e a situação por nós experienciada. Uma manilha perdida na paisagem, uma sensação de proteção, um pedaço de paisagem que se abre aos olhos do observador; um lugar protegido, emoldurado por densa floresta, um pedaço de paisagem que se abre aos olhos do observador. O pedaço de paisagem? Pequenos morros, florestas e campos.

Uma semana mais tarde eu voltei mais uma vez a este lugar acompanhado pela sra. A. (dona-de-casa, 50 anos); ela também vinha aqui desfrutar da paisagem mas com uma diferença. A de preferir sentar-se na primeira fila do “cinema” (Foto 11). O lugar a fez lembrar da vida no campo e do tempo em que as pessoas se importavam menos com a “natureza”, mas eram mais integrados e subservientes a ela: “*Neste parque eu posso observar o vai-e-vem das nuvens, o jogo de luzes e sombras, as árvores grandes e belas. (...) Ele me faz lembrar dos meus tempos de infância, da paisagem do Tirol, do florescer das árvores, da intensidade e da pureza daquela paisagem*”

As lembranças destas duas mulheres nos mostram que um mesmo lugar pode despertar diferentes reações e associações. A questão, se o lugar determinou as lembranças ou se



Foto 11- Parque Pötzleindorfer (Sra. A.)

foram as lembranças que determinaram a escolha do lugar, permanece em aberto. Talvez estejamos neste caso diante de uma relação complexa de causa-efeito e as duas afirmativas anteriores correspondam à realidade. Mas que realidade?

### **Realidade cotidiana: identificação com o espaço urbano**

É principalmente a história pessoal do indivíduo que determina sua relação com os espaços que compõem o seu cotidiano. O lugar se transforma e vira história pessoal, permuta-se em sujeito.

*“Eu me lembro de ter brincado muito nesse parque quando criança. Nessa paisagem artificial, com morros e vales projetados para os meninos e meninas brincarem. Eu mesmo subi direto esses morros aí quando criança.”* (Sr. O., médico, no parque Donau em Viena.)

O lugar desperta a criança adormecida. É brincando que a criança descobre gradualmente o mundo a sua volta, ampliando deste modo o seu sistema cognitivo. (Piaget, 1956, cit. por Downs & Stea, 1982.) As recordações de infância vêm à tona como luzes de velas na noite escura, reinterpretadas à luz do ser adulto consciente. (Jung, 1931.)



Foto do autor

Foto 12- Parque Donau

*“Eu vinha muito aqui no Burggarten quando era criança, jogar bola com outros meninos (...) naquela época não havia tantos turistas e nem tantos drogados. Hoje todo mundo pisa na grama, vende e compra, consome drogas pesadas. Sempre acham seringas usadas por aí (...) Eu acho que o público que vem aqui mudou bastante nos últimos tempos.”* (Sr. B., historiador.)



Foto do autor

Foto 13- Burggarten

Outra vez saudades do paraíso da infância? Toda e qualquer ilusão precisa paradoxalmente de confirmação real. Se as lembranças diferem muito da realidade elas acabam impedindo a identificação do sujeito com o objeto observado. Ninguém é capaz de acreditar numa lembrança ou fantasia que difere tão grotescamente da realidade. (Schulze-Göbel, 1984.)

Os sentimentos humanos “calibram” as diferenças entre o real e o imaginário, tentam minimizar o conflito com o real. Se as diferenças são grandes, o espaço passa a ser vivido somente no imaginário, torna-se palco de projeções das experiências ali vividas no passado. O real transforma-se...

Isso não significa, no entanto, que o espaço será sempre vivido no imaginário quando lembranças de vida não correspondem à realidade vivida no presente. Um exemplo é o surgimento de um novo parque no 5º distrito de Viena (Parque Alfred Grünwald; Fotos 14 e 15): “*Quando as casas foram demolidas todo mundo percebeu que a área era grande e com muitas árvores de porte*”. (Sra. O.N., contadora.)

Foto do autor



Fotos 14- Parque Alfred Grünwald

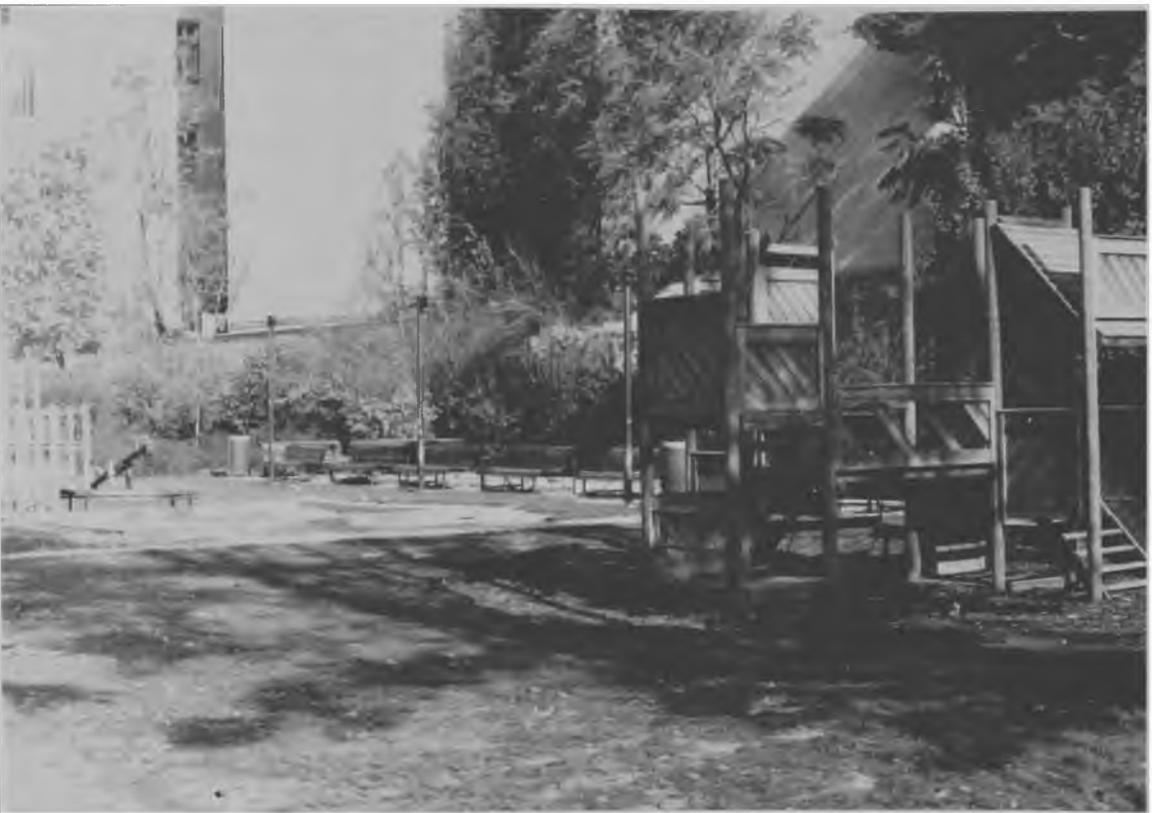


Foto do autor

Fotos 15- Parque Alfred Grünwald

A sra. O. N. parece orgulhosa do movimento de mulheres donas-de-casa que conseguiu impor a idéia de um novo parque junto à prefeitura de Viena. Não foi fácil porque a prefeitura queria construir ali um novo conjunto habitacional e mais tarde uma oficina mecânica do bairro queria usar um pedaço do terreno para ampliar as suas instalações: *“Nós tivemos muito apoio da imprensa e dos outros moradores do bairro, principalmente das mulheres mães de crianças pequenas. Elas vinham aí e sentavam com suas crianças na grama (...) até regaram um tempo as plantas e o gramado. Naquela época não havia nada, nenhum banco para sentar, nenhum brinquedo para as crianças”*

O homem só percebe o espaço em que vive quando participa ativamente da sua concepção. É natural, portanto, que aqueles que assim o fazem não se dêem nunca por satisfeitos. Sra. O. N.: *“O parque ainda não está do jeito que a gente quer. Nós vamos continuar lutando para que isso aconteça”*

### **Profissão: planejador paisagístico**

Fala-se aqui de qualidade e funcionalidade dos espaços projetados, de estruturas espaciais, do silêncio e de razões práticas (proximidade do local de trabalho). Expe-

riências e lembranças pessoais não pareceram influenciar muito a escolha do local da entrevista pelos profissionais paisagistas entrevistados.

A sra. D. encontra por exemplo “qualidade” na praça Karl-Borromäus (Foto 16): *“Os materiais foram muito bem utilizados e não há aqui os clichês e modismos das praças modernas. A praça tem significado histórico e se enquadra bem no conjunto de casas a sua volta”*

Foto do autor



Foto 16.-Praça Karl-Borromäus

A qualidade arquitetônica de uma outra praça (Freyung), no centro de Viena, também determinou a escolha do sr. G. (Fotos 17 e 18): *“A estrutura deste espaço é muito interessante. O espaço alarga-se para depois estreitar-se novamente, formando cantos agradáveis a sua volta. É muito difícil precisar aonde a praça começa e onde ela acaba”*

Para o sr. P. a praça Sobieski (Foto 19), localizada no 9º distrito da cidade, possui “qualidade urbana”, embora careça de elementos de vegetação. Na verdade isso não preocupa muito o sr. P.; para ele o importante é que a praça vem sendo utilizada pelos moradores do bairro e está “socialmente ocupada”: *“Existem aqui muitos bancos que podem ser mudados de lugar e além disso a presença de uma fonte no centro da praça faz o lugar ficar mais tranquilo e agradável”*



Foto do autor



Foto do autor

Fotos 17 e 18 - Freyung

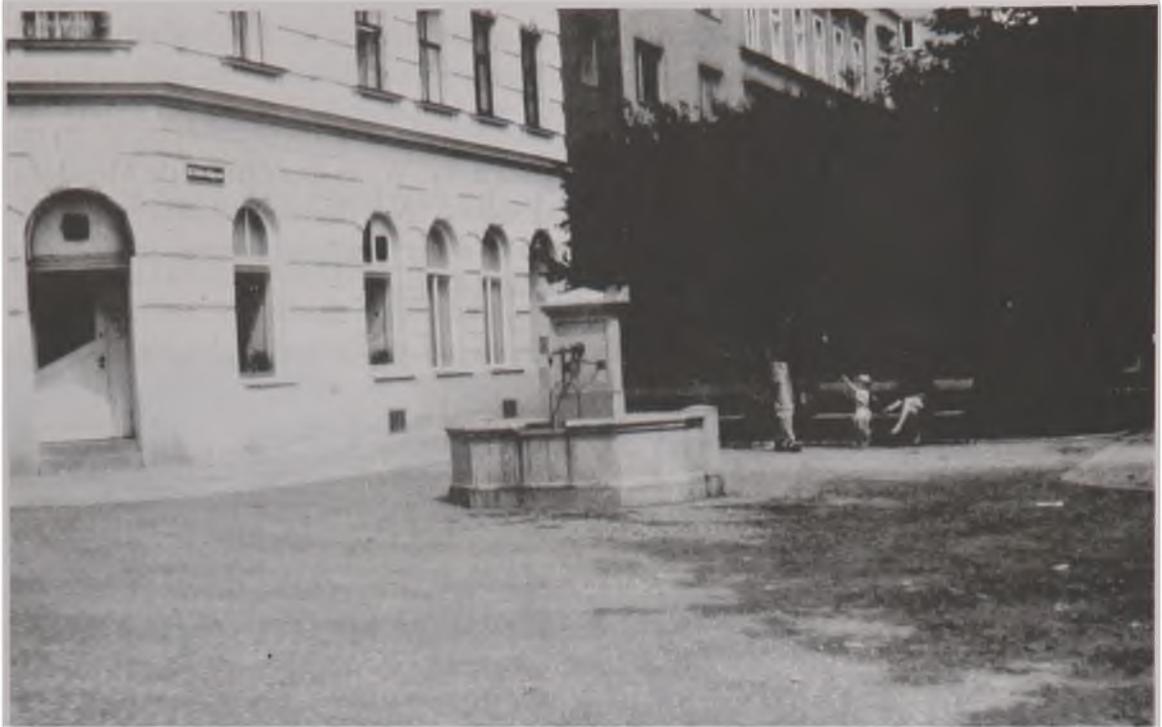


Foto 19 - Praça Sobieski



Foto 20 - Spittelberg

A Spittelberg (Foto 20), um calçadão no centro de Viena com muitas lojas, bares e restaurantes, foi o lugar escolhido pela sra. L. *“Primeiro não fica longe do meu escritório e também porque aqui se pode beber e comer alguma coisa ao ar livre.”* Para ela um lugar sem o barulho dos carros é uma ilha de tranquilidade em uma cidade com tantos automóveis<sup>4</sup>: *“Aonde moro ouço constantemente o barulho que vem da rua e, além disso, estão construindo um prédio novo em frente da minha casa”*.

É inevitável a constatação de semelhanças na escolha dos planejadores paisagísticos. Lugares pavimentados e urbanos, onde a vegetação desempenha na maioria dos casos um papel secundário. Também a presença de uma fonte foi uma constante para quase todos os lugares escolhidos e a água encarada como substituta do verde e criadora de uma atmosfera de silêncio e tranquilidade, símbolo ancestral da vida.

## Arquétipos jungianos de paisagem

O arquétipo montanha (Foto 21) aparece constantemente como a representação do eu, já que representa o objetivo de toda escalada; para a sra. W. as montanhas de Mendoza, entre o Chile e a Argentina, ampliaram seus horizontes: *“Nós fizemos ali uma expedição nas montanhas (...) subindo bem alto você não vê mais nenhuma planta, só pedras e rochedos; também o céu torna-se indescritivelmente azul”*



Pirmin Bründler

Foto 21- Montanha em Zuoz, na Suíça

Solidão, poder e rigor são também constantemente associados ao arquétipo *montanha* (Jüngst & Melder, 1984). Quando criança a sra. B. (paisagista) não acreditava que as montanhas pudessem desmoronar. No lugar onde cresceu na Alemanha as montanhas eram, na verdade, originárias de atividades mineradoras e, por isso, muito instáveis. *“Uma vez subimos uma dessas montanhas e tudo começou a desmoronar. Para mim foi uma experiência inacreditável pois encarava a montanha como algo sólido e inabalável.”*

Nossa entrevista no gramado do parque Donau fez o sr. O. lembrar-se da sua viagem à Arábia Saudita, lembrar-se do deserto: *“A primeira impressão é a de que não há nenhuma vegetação. Depois, olhando com mais atenção, percebe-se pequenos arbustos por toda parte. Tantos que pode-se dizer até que o deserto é verde (na verdade o deserto é amarelo ou marrom, ou também cinza ou azul)”*

Um campo de flores “vive” na fantasia da sra. J. (dona-de-casa): *“Eu gosto de caminhar na relva. Isso me tranqüiliza e é extremamente agradável”*. Eu pergunto à sra. J. se em um gramado não lhe falta privacidade: *“Para mim isso só ocorre em um deserto, pois um gramado sempre tem limites: Ele termina em um caminho ou em um campo de cultivo ou existe uma cerca-viva delimitando-o”*

Para Jung (1935) o deserto é uma imagem de solidão moral e espiritual. O campo de flores, a relva, o gramado representam, por outro lado, a fantasia do paraíso, do éden, do nascer do sol, da fertilidade. É o momento do repouso e do encontro. (Leuner, 1990.)

Mas também o deserto esconde fertilidade e vida, dá liberdade ao homem. Será que depois de dias na solidão do deserto, ele nos responderia, *o deserto em nós?* O deserto em nós representa o vazio e o silêncio, o encontro consigo mesmo. O povo de Israel foi libertado do Egito e encontrou sua liberdade no deserto, seguindo os passos de um deus estrangeiro que lhes oferecia o rompimento com o passado e um futuro discutivelmente promissor. (Kirchhoff, 1982.)

O sr. H. (técnico em computação) encontra descanso para o estresse do seu trabalho numa floresta chamada Michaela (Foto 22), no 19º distrito de Viena: *“Eu me sinto bem aqui, me sinto protegido e ao mesmo tempo livre”*. Muitas coisas se passaram aqui nesta

Foto do autor



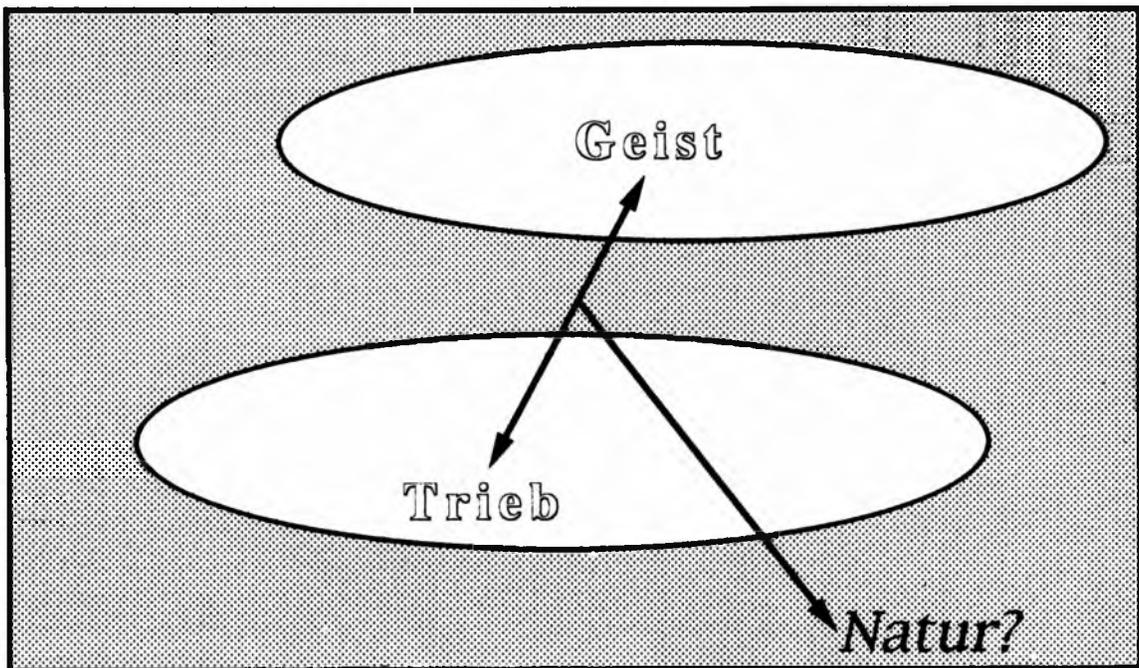
Foto 22- Floresta em Viena, Áustria

floresta com o sr. H.: *“Uma vez as cascas cinzas das árvores tingiram-se de violeta no cair da noite. No início não acreditei que era real, achei que foi uma ilusão ótica. Tirei algumas fotos e confirmei assim a veracidade do fato. As cascas eram realmente violetas”* Florestas inundadas são para o sr. H. um símbolo de vigor, pois crescem na água e *“resistem a ela, interagindo com ela”*.

No seu artigo *A fenomenologia espiritual dos contos de fada*, Jung (1946) ressalta a frequência com que um homem velho aparece nos sonhos dos seus pacientes, assim como nos contos de fadas e lendas diversas, trazendo à tona como mensageiro do inconsciente coletivo motivos mitológicos e espirituais. Em um conto de fadas russo o homem velho é pequeno, enrugado e feio. E verde. Um camponês encontra-o na floresta e o homem velho o leva a sua casa, embaixo da terra. Ali tudo era verde, sua mulher, seus filhos, os móveis, as paredes. E também as ninfas eram verdes, as ninfas amas da casa.

O inconsciente coletivo é frequentemente expresso através de símbolos. A floresta, a água, o mar. Mensageiro do inconsciente, o homem velho do conto de fadas russo mora na floresta mas tem ligação estreita com o mar (ninfas!). O caráter inconsciente da alegoria “floresta” é reforçado pela “água” Florestas de água, resistindo a ela, interagindo com ela...

*“Se pensarmos na simbologia das cores vemos que o vermelho representa bem nossos instintos fisiológicos (Trieb) enquanto o azul expressa melhor do que o violeta os nossos valores espirituais (Geist). O violeta é uma cor mística, uma cor única, embora se constitua de azul e de vermelho. O violeta é a melhor expressão prática do inconsciente coletivo.” (Jung, 1946.)*



*Figura 1- Espírito versus instinto = natureza?*

Arquétipos trazem à tona não só instintos fisiológicos inconscientes, mas também conteúdos espirituais e emoções adormecidas. As árvores violetas da floresta Michaela em Viena são experienciadas pelo sr. H. como algo especial porque a alegoria “floresta” é reforçada pela coloração violeta das árvores.

*“Arquétipo não é só imagem, mas também é dinâmico quando se manifesta na psique do observador.” (Jung, 1947.)*

O mar em movimento (Foto 23) é uma imagem que ocorre com frequência à sra. H., para ela o mar não é o mar sem movimento: *“O mar é para mim um símbolo de vida, um lugar onde posso relaxar e recuperar energias perdidas”*



Foto 23- Praia de Arembepe na Bahia

Na literatura o mar aparece constantemente como um símbolo do inconsciente coletivo, como a *mãe da vida* (Jung, 1947). Jung encontra provas para sua tese na alquimia, onde o arquétipo “mar” aparece como o elemento mercúrio (Hg), também sujeito à ativação e transformação. (Jung, 1946.)

*“Eu preciso ver o mar todos os anos e sempre faço isso quando posso.”* (sra. Z., funcionária pública.) Por exemplo em Cayo Largo, uma ilhazinha perto de Cuba. *“Meus dias lá foram como num sonho (...) Todo final de tarde sentávamos na praia e ficávamos observando as cores (...) a água era tão quente que todos sentíamos a necessidade de nadar.”*

O caráter idílico e inexplorado do arquétipo “mar” vem sendo muito usado na venda de pacotes turísticos na Europa. Viagens à Cuba, à Grécia, às Ilhas Canárias, à Côte d’Azur ou ao Brasil? Nenhum problema! Preços módicos para todos! Conforme a teoria de Jung, arquétipos têm efeito compensatório. De acordo com isso, o *inconsciente* ajudaria o *consciente* na busca de soluções para problemas cotidianos concretos. A busca do idílio marítimo vendido nos inúmeros pacotes turísticos, assim como o desejo de uma *natureza bruta*, funciona apenas como paliativo para aqueles cansados do seu meio ambiente. É o sonho de pacote, é o adiamento da busca de soluções.

*“Consciência só pode existir e florescer no exercício da inconsciência.”* (Jung, 1946.)

Planos paisagísticos precisam ser menos estáticos e definitivos para falar melhor a linguagem dos símbolos. (Watzlawick, 1981, cit. por Loidl, 1981.) A linguagem dos símbolos baseia-se em fantasias, sonhos, em um mundo interior. É a linguagem das imagens, das metáforas. É a linguagem holística do todo, dos arquétipos, do inconsciente coletivo, bastante diferente da linguagem dos números e das palavras.

É, porém, da linguagem holística do todo de que precisa o planejador paisagístico. Para melhorar a qualidade de comunicação entre ele e aqueles para quem planeja. Para democratização do processo de planejamento é necessário o amadurecimento de uma linguagem de processo, uma linguagem de “conciliação de interesses” entre os *experts* planejadores e os cidadãos comuns.

### **Iniciativas populares para melhoria do espaço urbano: Qual o papel do planejador paisagístico?**

A sociedade moderna se vê confrontada com inúmeros problemas. Explosão populacional, poluição ambiental, carência crescente de matérias-primas. A busca de soluções para estes problemas é questão de sobrevivência para o homem moderno.

Estaria este homem moderno no pouco tempo que lhe resta em condições de aprender o despojar-se, o renunciar aos confortos de um sistema carente de iniciativas originais?

Schnetz (1990) acha que sim. De acordo com o jurista austríaco, são os indivíduos que fazem as suas leis, que as aplicam e interpretam. As iniciativas populares seriam para ele uma expressão da capacidade aprendiz do homem moderno.

É na ação que se origina o conhecimento profundo e embasado. Os movimentos populares trabalham com valores que questionam o sistema vigente e mostram novas imagens como alternativas ao fim apocalíptico do homem.

Como interferir neste processo enquanto planejador urbano?

Com essa pergunta na cabeça voltei ao Brasil em março de 1992, voltei à São Paulo e ao parque da Aclimação, tombado por iniciativa popular há 10 anos; voltei à Salvador e ao parque de São Bartolomeu, símbolo de reivindicações dos moradores do subúrbio ferroviário da cidade e sagrado para a religião do candomblé; conheci a reserva extrativista Chico Mendes no Acre, símbolo de uma reforma agrária diferenciada para a Amazônia e bandeira de luta para os povos da floresta.

Outras questões:

Como participar de um processo interferindo nele, interagindo com ele?

Como analisar os ganhos e avanços destas iniciativas? O que as move de fato? Como experienciar a história destes movimentos? (Entrevistas com lideranças comunitárias?)

A sociedade é constituída de indivíduos e são os indivíduos e não uma sociedade abstrata o objeto da pesquisa sociológica. A pesquisa sobre formas de sociedade divergentes do modelo em voga deve tentar elucidar a relação entre desenvolvimento técnico e econômico e o desenvolvimento religioso e espiritual. (Fromm, 1929, 1932.)

É evidente que características culturais influenciam a percepção do meio ambiente bem como sua ocupação e utilização. Assim, a elucidação dos valores e atitudes de grupos humanos específicos pode ajudar o planejador urbano a entender melhor os processos de “demarcação de território” no contexto de uma grande cidade, como Viena, São Paulo ou Salvador.

Áreas verdes e de lazer podem se tornar catalizadoras de reivindicações e iniciativas populares, tamanha a identificação destes movimentos com áreas urbanas como o parque da Aclimação em São Paulo, o parque de São Bartolomeu em Salvador ou o parque Alfred Grünwald em Viena. Mas o que move essas pessoas? Exercício de cidadania, prática religiosa ou luta por mais áreas verdes no bairro?

No movimento pela preservação do parque de São Bartolomeu em Salvador tudo isso anda de mãos dadas...

O parque está localizado na periferia da cidade e tem 75 hectares de florestas naturais (Mata Atlântica) e árvores frutíferas diversas, muitas cachoeiras e pedras, algumas delas sagradas para o candomblé. Escondidos nas florestas do parque (conhecidas antigamente como Mata do Urubú) os escravos fugidos organizaram-se aqui em quilombo, onde plantavam para sua própria subsistência. A aldeia negra foi logo dizimada pelos portugueses e todos os líderes escravos executados sumariamente.

Para os cultos afro-americanos o parque permaneceu fonte de valores espirituais e lugar de romarias, ritos e sacrifícios. Aqui os negros sempre puderam ser negros, colher as ervas, raízes e cascas de árvores necessárias para o culto, oferecer comida e flores para os seus deuses (orixás, voduns e inquices).

### **Os deuses moram no parque de São Bartolomeu!**

Para entender a dinâmica destes ritos e a importância para o culto de elementos naturais como *água*, *pedra* e *mato*, é necessário deter-se na simbologia das ações, palavras, músicas, ritmos e cores “praticados” no candomblé.

A coleta de plantas sagradas, as romarias ao parque, o batismo e os banhos de limpeza na cachoeira sagrada, o sacrifício de animais, as oferendas de comidas. Afinal o que é o *sagrado* para o candomblé?

Entender melhor o caráter sagrado do parque foi o ponto de partida para onze entrevistas que realizei em março/abril de 1992 com mães e pais-de-santo, mães pequenas e iaôs em vários terreiros da cidade do Salvador (dez).

No parque moram só os deuses que lá realmente se sentem em casa. (Serpa, 1994<sup>d</sup>.) Oxumaré, deus do arco-íris, tem uma cachoeira de 10 metros toda sua, onde um filete fino de água e uma densa neblina fazem aparecer o arco-íris todos os dias; ou Nanã, deusa da lama, que habita os pântanos e as águas subterrâneas do parque; ou ainda Oxum, deusa da fertilidade, que vive numa cachoeira muito parecida com um rio que tem seu nome na África. Oxóssi, deus da caça, e Ossain, deus da vegetação, guardam as matas outrora refúgio dos escravos rebeldes. Obaluaiê, filho de Nanã, fica numa pedra grande e saliente ao lado da cachoeira do irmão: Oxumaré<sup>3</sup>.

A concepção do mundo yorubá<sup>4</sup>: O mundo espiritual (Òrun) e o mundo material (Àiyé) existem no candomblé paralelamente. Tudo que existe no Àiyé existe no Òrun e vice-versa. O que distingue os seres do Àiyé dos seres do Òrun é o fato de que os primeiros respiram e os últimos não. Antes os dois mundos estavam ligados, mas um belo dia Oxalá resolveu separá-los e desde então existem os dois planos de existência. O equilíbrio entre ambos deve ser continuamente mantido através de rituais, sacrifícios e oferendas. Tudo precisa de Axé, de “força natural” para existir, mas existem substâncias que portam mais Axé que outras e o manuseio delas é que garante o equilíbrio do mundo. Cada deus do candomblé é uma faceta dessa força (Axé) e representa formas de comportamento, profissões e fenômenos naturais específicos (Figura 2).

O que os deuses comem: Oxumaré come feijão, milho e camarão ao molho de dendê. Nanã gosta de galinhas de angola e cabras. Oxum come pratos com feijão, cebolas, camarão e sal. Obaluaiê pipocas e galinhas...

Sobre o significado das plantas para o culto: Cada orixá tem plantas específicas e os seus filhos devem tomar banhos e beber misturas dessas plantas nos rituais de iniciação. As plantas são o maior (e mais bem guardado) segredo do candomblé e são usadas para tornar o iniciado “receptivo” ao seu orixá, quase como um catalizador de energias que abre os caminhos para a espiritualidade. Os iniciados são então condicionados e sensibilizados para receber o seu orixá, aprendem suas danças, cantos e falas e o recebem sempre que os atabaques são tocados. Nanã é quem guarda esses segredos e se vinga daqueles que os violam (sua presença no parque pode ser também explicada por isso).

África, terreiros e sincretismo: Na África o candomblé tinha uma conotação mais familiar e os deuses eram cultuados no seio de cada família. Havia também deuses patronos de cidades e vilas pequenas. A estrutura do terreiro (na Bahia), onde *todos* os

deuses são (eram) cultuados juntos, foi uma consequência do tráfico de escravos que separou famílias e destruiu a antiga estrutura social reinante na África. Assim, cada escravo trouxe consigo, como indivíduo, o seu deus (que ele cultuava na sua família ou na sua cidade) e os seus valores culturais, a depender do país de origem (Nigéria: povo Yorubá, Benin; Togo: povo Gêge; Angola e Moçambique: povo Bantu). O terreiro reagrupou esses deuses e garantiu a preservação da herança cultural africana. A diversidade das “nações” originou um sincretismo “africano” que dificulta uma classificação exata dos terreiros hoje existentes. A cultura Yorubá predomina (quase todos os deuses são yorubás) mas há muitos elementos bantu e gêge na religião hoje praticada. O sincretismo com a religião católica na verdade não foi um sincretismo, mas sim uma forma de continuar praticando a religião africana na diáspora. Assim, os santos católicos foram utilizados como “máscara” para dissimular o culto dos deuses africanos.

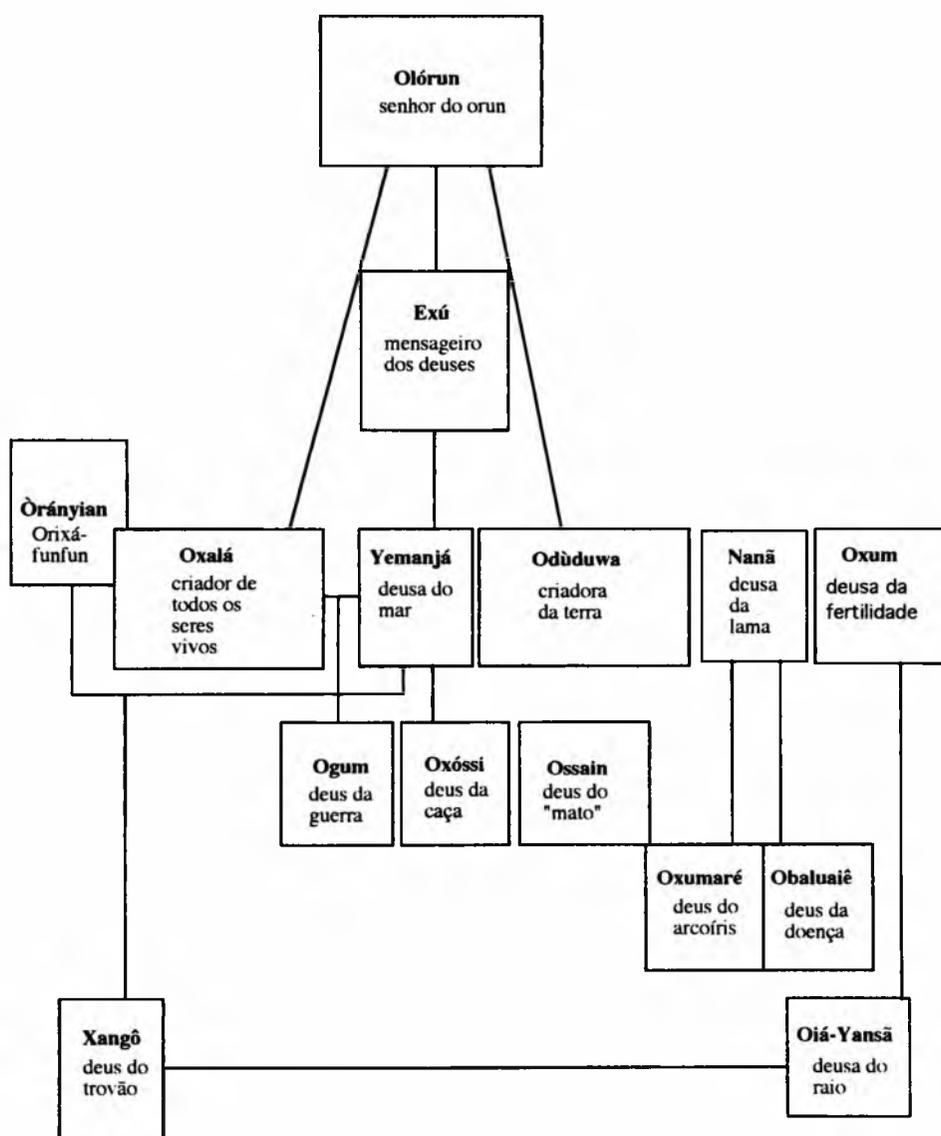


Fig. 2- Deuses do candomblé

Repressão e resistência: O culto do candomblé foi proibido na Bahia até o início do século 19 e violentamente reprimido pelo governo branco. O conde dos Arcos, governador da Bahia no tempo do Segundo Império, tentou (mas não conseguiu) aguçar as antigas rivalidades tribais, porque achava que assim conseguiria evitar uma revolta dos escravos. Não foi o que de fato aconteceu. A diferença de línguas, de cultura, etc., não impediu a eclosão de inúmeras revoltas (a maior delas, a Revolta dos Malês, aconteceu no ano de 1835) e a fundação de inúmeros quilombos (o Quilombo dos Palmares em Pernambuco é o melhor exemplo e conseguiu resistir quase 100 anos aos ataques de holandeses e portugueses). Todos esses movimentos de resistência foram violentamente reprimidos pelo governo, muitas lideranças foram enforcadas, milhares de escravos mortos e casas de candomblé fechadas.

Candomblé: Movimento popular e ecológico?: Tudo isso comprova o caráter social do candomblé, como forma de resistir à cultura hegemônica branca e de garantir uma identidade “afro-americana” no exílio. Em Salvador esse movimento de volta às antigas tradições (principalmente Yorubá) é mais forte porque na cidade os escravos sempre tiveram uma maior liberdade de ação do que no campo (muitos escravos trabalhavam por conta própria, dando uma porcentagem do dinheiro ganho para seus donos e economizando o resto para comprar a sua carta de alforria). No caso particular do subúrbio ferroviário é evidente que o candomblé funciona como agregador de pessoas, já que a maioria dos “suburbanos” é negra. Ecologia e candomblé estão intimamente ligados porque o candomblé tem em si um caráter preservacionista. Folhas, plantas, pedras, árvores, cachoeiras, rios e lagos são a materialização de forças divinas e por isso sagrados. Axé significa força da natureza e essa força precisa ser constantemente alimentada e redistribuída para que o mundo “funcione” Sacrifícios e oferendas não são nada mais do que a manifestação disso. A preservação destes elementos é fundamental para a afirmação do candomblé como religião e, por isso, você encontra hoje em dia mães e pais-de-santo que junto ao discurso político e religioso também falam e discutem “ecologia” (Serpa, 1994<sup>e</sup>.)

Apartheid social: Falar de ecologia hoje em Salvador significa falar de miséria e desigualdade social. No caso do subúrbio ferroviário e do parque de São Bartolomeu é quase impossível separar as duas questões. A pobreza na periferia de Salvador não é resultado da Revolução Industrial ou da mudança do sistema de produção. Ela é muito mais antiga do que isso! Ela é resultado de um *apartheid* social que existe desde que o Brasil foi descoberto. Quem mora na periferia de Salvador, quem passa fome, quem morre por causa de deslizamento de terra ou desnutrição, quem não tem casa, escola, água encanada, esgoto, etc.? São os negros, mulatos, caboclos, mestiços, todos os descendentes de ex-escravos, que foram libertos mas não receberam nada mais do que a carta de alforria. Por isso a luta pela preservação do parque não é só ecológica, mas sim política e com conseqüências sociais.

## *"Os deuses estão irados!"*

(Jorge Amado, sobre um projeto da prefeitura da cidade para construção de um conjunto habitacional na área do parque.)

As palavras do escritor Jorge Amado foram proferidas há 15 anos. Naquela época, elas encontraram eco nos meios acadêmicos e nas casas de candomblé mais tradicionais da cidade. O conjunto habitacional foi construído em outro lugar e o parque preservado.

O parque sagrado dos ancestrais negros parece porém não resistir mais aos inúmeros problemas que o rodeiam: O rio Mané Dendê que alimenta as cachoeiras de Oxum e Nanã está poluído, árvores sagradas são cortadas no interior do parque para a produção de carvão e inúmeras barracas comercializam bebidas alcoólicas ao lado dos lugares usados para o culto. Para completar o quadro, muita violência e miséria.

A situação dos 400.000 habitantes do subúrbio ferroviário da cidade é lastimável. Na fronteira do parque (e em alguns casos também na sua área interna) surgem a cada dia novos barracos. Consolidada a invasão, percebe-se a ausência completa de infraestrutura. Nenhuma canalização, nenhum esgoto, nenhum sistema de coleta de lixo. Também faltam escolas e creches para as 26.000 crianças entre 0 e 7 anos.

Os espaços livres entre as casas desaparece gradualmente; casas são construídas cada vez mais próximas umas das outras sem nenhuma medida de segurança. Taludes são cortados sem a compactação adequada, o verde desaparece.

Com 80% de sua área coberta por encostas, Salvador ostenta o título de cidade campeã em deslizamentos de terra do país.

A chuva mata em Salvador. Somente no ano de 1989 morreram mais de 70 pessoas durante os 420 deslizamentos de terra ocorridos.

Em 1987, moradores do subúrbio ferroviário, representantes dos terreiros de candomblé da cidade, artistas, intelectuais e professores universitários reuniram-se em um movimento pela preservação do parque de São Bartolomeu. O próximo passo foi a criação da "Sociedade de Amigos do Parque" que vem tentando desde então financiamento - no Brasil e no exterior - para medidas de saneamento básico no subúrbio e para um projeto de manutenção e preservação da área verde sagrada. Um dos projetos - elaborado por técnicos da Escola de Engenharia da Universidade Federal da Bahia - prevê a limpeza do rio Mané Dendê e a instalação de uma rede de esgotos para os bairros em volta do parque; também uma fábrica para compostagem de lixo, que deverá fornecer adubo para o viveiro de plantas, faz parte dos planos futuros da entidade. A falta de recursos financeiros impediu até agora a realização dos dois projetos. A sociedade ocupa-se no momento com a implantação do viveiro, que deverá fornecer mudas para

o reflorestamento das áreas desmatadas do parque. Também as plantas sagradas para o culto deverão ser propagadas no viveiro.

O viveiro de plantas faz parte de um projeto de educação ambiental, que em 1993 formou um time de 34 jovens do subúrbio no primeiro curso de guias e guardiões do parque. Os jovens deverão ainda contribuir nos trabalhos de produção de mel em um apiário a ser instalado em breve na área do parque. Além disso, um conceito para exploração turística da área verde sagrada deverá, num futuro próximo, ampliar o espectro de atividades desenvolvidas pelos jovens guardiões que deverão assumir também as funções de guias para grupos selecionados de turistas. Assim, a “Sociedade de Amigos do Parque” pretende com o seu trabalho não só a preservação das áreas sagradas para o candomblé, mas também a criação de perspectivas futuras para os moradores do subúrbio ferroviário.

Um grupo de professores e pesquisadores da Universidade Federal da Bahia e da Sphan/Pró-Memória tinha em 1989 objetivos bastante semelhantes com o projeto Germinar - “Planejamento de Áreas Verdes, Desenvolvimento Urbano & Habitação Popular na Grande Salvador”. Em trabalho conjunto com o movimento pela preservação do parque, com a Federação das Associações de Bairro de Salvador (Fabs) e com a

Federação Baiana de Cultos Afro-Brasileiros (Fabacab) foram plantadas cerca de 300 árvores leguminosas e frutíferas em áreas desmatadas do parque e no bairro de rio Sena no subúrbio ferroviário (Fotos 24 e 25). Apesar das dificuldades financeiras que impediram a continuidade dos trabalhos, foi surpreendente para mim, enquanto coordenador deste projeto, a receptividade dos moradores do subúrbio e dos praticantes do candomblé às nossas idéias. Naquela época parecia-nos claro que a criação de áreas verdes coletivas na fronteira do parque, gerenciadas pela população dos bairros vizinhos, poderia impedir a continuidade do desmatamento: O “cinturão verde” de árvores frutíferas e fornecedoras de lenha deveria funcionar de acordo com o plano como zona de transição entre as casas e a floresta sagrada. (Serpa, Serpa, 1990.)

Nalva Santos



Foto 24- Mutirão de plantio de árvores no parque de São Bartolomeu



Fotos 25- Mutirão de plantio de árvores no parque de São Bartolomeu

### **Conseqüências para o planejamento paisagístico em grandes cidades**

*Todo cidadão tem o direito de interferir no espaço onde mora e trabalha e de ter o seu próprio conceito estético, mas nenhum cidadão tem o direito de impor o seu conceito estético ao resto da sociedade. (Nohl, 1992.)*

O planejamento paisagístico em grandes cidades deve obedecer, portanto, a princípios gerais que permitam a apropriação do espaço urbano pela população. O planejador paisagístico deve tentar, através do seu trabalho, fomentar e não impedir um processo participativo de planejamento.

A crise de linguagem no planejamento paisagístico é o resultado da falta de comunicação entre planejadores e cidadãos comuns. As áreas verdes planejadas no continente europeu, por exemplo, podem ser divididas em dois grandes grupos, o das áreas monótonas e de manutenção barata (estilo “gramado e grupos espaçados de árvores”) e daquelas caras e pretenciosas (estilo “obra de arte”), ambos conseqüência do uso de uma linguagem estética ultrapassada e carente de renovação.

Os modelos de simulação ambiental, apresentados neste artigo, podem ajudar ao planejador paisagístico na busca de uma nova “linguagem estética” Tais modelos permitem um melhor entendimento das atitudes e valores dos usuários das áreas verdes

em grandes cidades. Para utilização destes modelos é necessário porém um novo contexto, como aquele das “células de planejamento”, já utilizadas há algum tempo na Alemanha.

Uma célula de planejamento é constituída de 25 cidadãos comuns, licenciados do seu trabalho por tempo determinado e pagos para elaboração de pareceres e projetos. De acordo com suas experiências pessoais e com a orientação técnica recebida durante os trabalhos da célula (palestras, excursões, etc.), o grupo elabora um documento final, encaminhado então às instâncias políticas e decisórias. (Zierep, 1990.)

Estes modelos podem ser a chave para um planejamento mais justo e democrático. Planejadores paisagísticos e usuários poderiam trabalhar juntos na elaboração de projetos para parques e praças, desenhando e planejando estes espaços.

O planejador paisagístico também pode aprender muito deste trabalho conjunto. Numa célula de planejamento é possível saber o que se passa na cabeça daqueles para quem planeja, suas idéias e conceitos estéticos. Ao mesmo tempo isso seria uma oportunidade única para o planejador, que poderia informar melhor os participantes da *célula* sobre o seu trabalho.

A busca de soluções para o planejamento dos espaços livres em grandes cidades exige porém uma linguagem comum, de conciliação de interesses. O método aqui apresentado para investigação de experiências subjetivas de paisagem pode ser usado num planejamento paisagístico que leve em consideração a importância dos arquétipos e alegorias espaciais. Assim, diferenças e preconceitos poderiam ser superados num amplo processo de troca de informação e discussão, base para um planejamento mais humano e voltado para os interesses da população.

## NOTAS

(1) Todos os paisagistas entrevistados parecem em busca de princípios éticos e estéticos que possam nortear seu trabalho criativo. “O que é natureza?” parece pergunta de difícil resposta para a maioria deles.

(2) Viena tem 1.600.000 habitantes e um milhão de carros. Para efeito de comparação: São Paulo tem 15 milhões de habitantes e 4,5 milhões de automóveis.

(3) Oxumaré é sincretizado nos terreiros da Bahia com São Bartolomeu.

(4) Trechos de uma entrevista concedida à jornalista Dagmar Serpa, por fax, em março de 1994, publicada no jornal de ciência política “Lateinamerika Anders” do mês de julho/94, em Viena, na Áustria.

## BIBLIOGRAFIA

BOOTH, N. K. *Basic elements of landscape architectural design*. New York: Amsterdam Elsevier, 1983.

CHAMBERS, W. (1772) A dissertation on oriental gardening. In: D. Clifford. *A history of garden design*. London: Faber and Faber, 1962.

DOWNS, R. M., STEA, D. *Kognitive Karten - Die Welt in unseren Köpfen*. New York: Harper & Row Publishers: 1982.

EPSTEIN, W. Historical introduction to the constancies. In: W. Epstein (Ed.). *Stability and constancy in visual perception: Mechanism and process*. New York: Wiley, p. 1-22, 1977.

FEYERABEND, P. *Wider den Methodenzwang*. Suhrkamp: Frankfurt am Main, 1986.

FROMM, E. Psychoanalyse und Soziologie. In: *Die Gesellschaft als Gegenstand der Psychoanalyse. Erste Auflage 1993*. Hrsg. von Rainer Funk. Suhrkamp: Frankfurt am Main. s. f. 11-14, 1929.

\_\_\_\_\_. Über methode und aufgabe einer analytischen sozialpsychologie. In: *Die Gesellschaft als Gegenstand der Psychoanalyse. Erste Auflage 1993*. Suhrkamp: Frankfurt am Main. Hrsg. von Rainer Funk. S. p. 23-25.

GOETHE, J. W. *Entwurf einer Farbenlehre* (reprint 1992). Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben, 1980.

HARD, G. Landschaft als professionelles Idol. *Garten + Landschaft*, v. 3, s. p. 13-18. München: Verlag George D.W. Callwey, 1991.

\_\_\_\_\_. Konfusionen und Paradoxien. *Garten + Landschaft*, v. 1, S. In. 92, p. 13-18. München: Verlag George D.W. Callwey, 1992.

HERSHENSON, M. Size-distance invariance: Kinetic invariance is different from static invariance. *Perception and Psychophysics* 51, n. 6, p. 541-548, 1992.

HISS, T. Simultane Perzeption. *Garten + Landschaft*, v. 4, n. 92, p. 9-11. München: Verlag George D.W. Callwey, 1992.

JUNG, C. G. Die Lebenswende. In: *Mensch und Kultur*. Grundwerk, Band 9, 3. Auflage, p.61-77, 1990.

\_\_\_\_\_. Über die Archetypen des kollektiven Unbewussten. In: *Archetyp und Unbewusstes*. Grundwerk, Band 2, 4. Auflage, p. 77-113, 1990.

- \_\_\_\_\_. Zur Phänomenologie des Geistes in Märchen. In: *Archetyp und Unbewusstes*. Grundwerk, Band 2, 4. Auflage, p. 206-250, 1990.
- \_\_\_\_\_. Die Psychologie der Übertragung. In: *Persönlichkeit und Übertragung*. Grundwerk, Band 3, 3. Auflage, p. 127-298, 1990.
- \_\_\_\_\_. Theoretische Überlegungen zum Wesen des Psychischen. In: *Archetyp und Unbewusstes*. Grundwerk, Band 2, 4. Auflage, p. 7-76, 1990.
- JÜNGST, P., MELDER, O. Landschaften "in" uns und landschaften "um" uns. In: *Innere und äussere Landschaften*. Hrsg. von Peter Jüngst. Urbis et Regio 34. GhK Kasseler Schriften zur Geographie und Planung. p. 9-66, 1984.
- KANT, I. *Kritik der Urteilskraft*. Neuauflage 1986. Stuttgart: Hrsg. von Gerhard Lehmann. Philipp Reclam Jun. 1790.
- KERN, A. *Landschaft und Erkenntnis - Theorie und Praxis einer ökologischen Geographie*. Salzburg, 1991. Dissertation.
- KIRCHHOFF, H. *Wüste*. In: *Ursymbole und ihre Deutung für die religiöse Erziehung*. München: Hrsg. von Kirchhoff, H. Kösel-Verlag GmbH & Co., p. 43-59, 1982.
- LEUNER, H. *Katathymes Bilderleben. Ergebnisse in Theorie und Praxis*. Bern/Stuttgart/Toronto: 3. Auflage 1990. Verlag Hans Huber, 1980.
- LOIDL, H. J. Zwischen uderalflächenfetisch und Stimulationsrechner. Entwicklungstendenzen in der Objektplanung. *Garten + Landschaft*, v. 10, 81, p. 795-805. München: Verlag George D.W. Callwey, 1981.
- MEYER-ABICH, K. M. Was ist ein Umweltproblem? - Zur Kritik des Cartesianismus in der Wahrnehmung der Natur. *Bauweltfundamente*, In. 44, p. 14-35, 1974.
- NOHL, W. Über den praktischen Sinn ästhetischer Theorie in der Landschaftsgestaltung dargestellt am Beispiel der Einbindung baulicher Strukturen in der Landschaft. *Landschaft + Stadt*, Stuttgart: v. 14, n. 2. p. 49-55. Verlag Eugen Ulmer, 1982.
- \_\_\_\_\_. Gedankenskizze einer Naturästhetik der Stadt. *Landschaft + Stadt*, Stuttgart: v. 22, n. 2, p. 55-67, Eugen Ulmer GmbH & Co., 1990.
- \_\_\_\_\_. Erlebnisästhetik und Planungsästhetik. *Natur und Landschaft*, Köln: n. 67, Heft 12, p. 596-597, Verlag W. Kohlhammer GmbH, 1992.
- PREDEBON, J. The role of instruction and familiar size on absolute judgements of size and distance. *Perception and Pscophysics*, v. 51, n. 4, p. 344-354, 1992.

- PÜCKLER-MUSKAU, H. *Fürst von (1843): Andeutungen über die Landschaftsgärtnerei (reprint 1977)*. Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt.
- SCHNETZ, D. Anspruch und Alltag. Zur gesellschaftlichen Wirklichkeit der neuen sozialen Bewegungen. In: *Bürger Initiativ. Probleme und Modelle der Mitbestimmung*. Wien/Köln: Hrsg. von Maria Zenkl. Böhlau Verlag. p. 189-211, 1990.
- SCHULZE-KÖBEL, H. J. Räumliche Symbolbildung - Eine von der Geographie vergessene Realität. In: *Innere und äussere Landschaften*. Hrsg. von Peter Jüngst. Urbis et Regio 34. GhK Kasseler Schriften zur Geographie und Planung, p. 67-91, 1984.
- SERPA, A. SERPA, B. Movimentos populares em Salvador, uma fotografia recente. In: Peixoto, M. S. S. et al. *Movimentos populares, a escola comunitária e a cidadania*. Salvador: Gráfica da Bahia, OEA, UFBA, 1990. Coleção Cidadania.
- SERPA, A. *Annäherung an den Begriff Park. Eine Studie zur menschlichen Wahrnehmung der Natur am Beispiel städtischer Freiräume*. Vienna, 1994. Dissertation. Universität für Bodenkultur (a).
- \_\_\_\_\_. Was ist Natur? In: *Zolltexte*, v. 1, n. 94, Forum Landschaftsplanung, Vienna, p. 21-24, 1994 (b).
- \_\_\_\_\_. Erinnerungen... Auf der Suche nach einer "Versöhnungssprache" für die Freiraumplanung. In: *Das Gartenamt*, v. 6, n. 94, Patzer Verlag, Berlin/Hannover, p. 376-382, 1994 (c).
- \_\_\_\_\_. São Bartolomeu Park, Salvador: Wohnsitz der Götter. In: *Garten + Landschaft*, v. 8, n. 94, Verlag George D.W. Callwey, München, p. 34-37, 1994 (d).
- \_\_\_\_\_. Candomblé als Widerstand. In: *Südwind*, Zeitschrift für Entwicklungspolitik, ÖIE, v. 6, n. 94, Vienna, p. 40-41, 1994 (e).
- SHENSTONE, W. *A History of Garden Design*. London: Faber and Faber, 1764.
- WENZEL, J. Über die geregelte Handhabung von Bildern. *Garten + Landschaft*, v. 3, n. 91, p. 19-24. München: Verlag George D.W. Callwey, 1991.
- WORMBS, B. News from Now-here. In: *Tintenfisch 12. Thema: Natur - oder: Warum ein Gespräch über Bäume heute kein Verbrechen mehr ist*. Berlin: Hrsg. von Hans Cristoph. Buch Verlag Klaus Wagenbach, 1977.
- ZIEREP, M. Bürgerbeteiligung in der Praxis. Das Modell "Planungszelle" in der Anwendung. In: *Bürger Initiativ. Probleme und Modelle der Mitbestimmung*. Wien/Köln: Hrsg. von Maria Zenkl. Böhlau Verlag, 1980.